



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

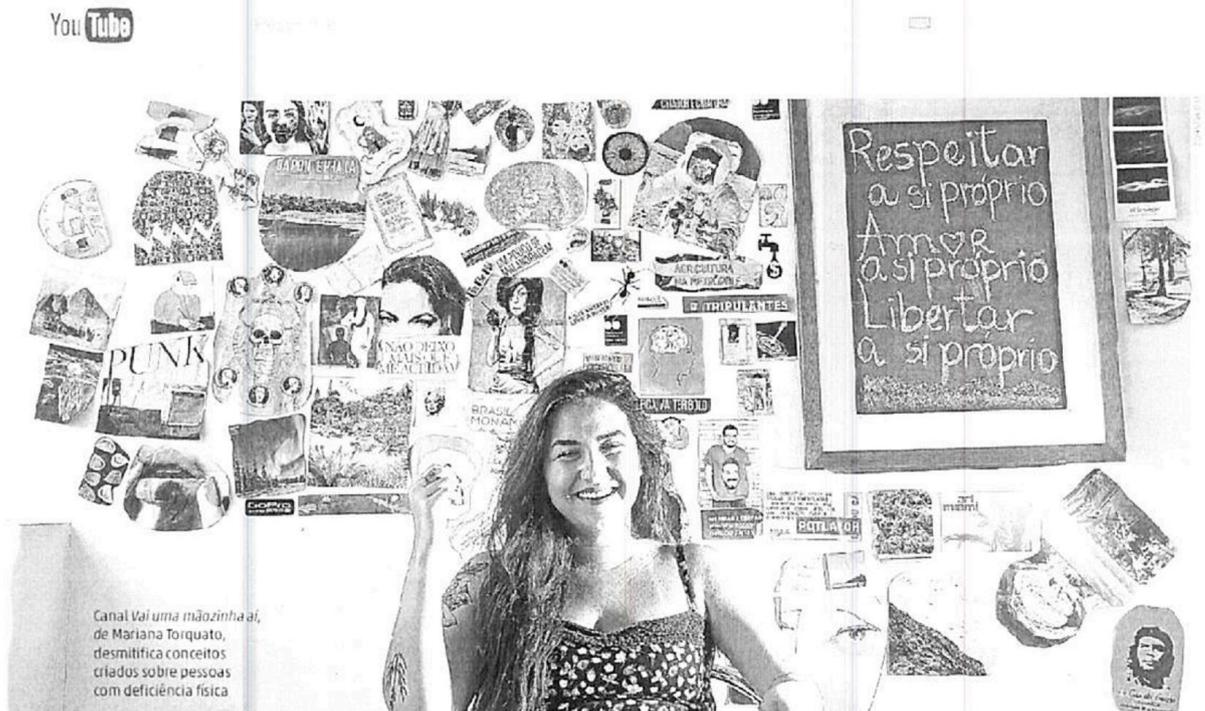
14 e 15 de janeiro de 2017

Porta-vozes da diversidade / Mariana Torquato / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Representatividade / Deficiência física / LGBT / Sexualidade / Obesidade / Mulher Negra / Gênero / Cor / Afro / Inclusão

SUA VIDA | COMPORTAMENTO

DIÁRIO CATARINENSE,
SÁBADO E DOMINGO,
14 E 15 DE JANEIRO DE 2017

22



Canal Vai uma mãozinha aí, de Mariana Torquato, desmitifica conceitos criados sobre pessoas com deficiência física

PORTA-VOZES DA DIVERSIDADE

YOUTUBERS E BLOGUEIROS catarinenses que não se encaixam em padrões físicos, de beleza, sexualidade e cor reforçam a importância da representatividade

GABRIELE DUARTE
gabriele.duarte@diariocatarinense.com.br

Há cerca de quatro meses, Mariana Torquato, 24, criticava no Youtube a revista Vogue, que estampava na capa atores capacitados fisicamente para repercutir as Paralimpíadas. Depois de outros 19 vídeos publicados semanalmente, a estudante e servidora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que nasceu com ma formação no braço esquerdo segue abordando nas produções audiovisuais o mesmo conceito: representatividade. Esse é só mais um exemplo de catarinenses que democratizam na internet a voz das minorias – pessoas com deficiência, gordas, negras, lésbicas, gays, travestis e transexuais (LGBT).

A ideia é desconstruir o preconceito em torno daqueles que não se encaixam em padrões ditados pela mídia, conforme diz a porta-voz do canal *Vai uma mãozinha aí?*, que tem mais de 20 mil inscritos.

– A representatividade é importantíssima para pessoas com deficiência porque todos os dias os nossos direitos são negligenciados pelo governo e pela sociedade. E, para representar, você tem que estar vivendo a causa. As situações pelas quais a gente passa têm que ser ditas para a sociedade – defende.

CANAIS GERAM ENGAJAMENTO E VISIBILIDADE AOS DEBATES

O engajamento é comprovado pela audiência crescente: número de visualizações, compartilhamentos e, principalmente, comentários.

“Sou cadeirante e sempre me senti do jeito que você se sentia quando criança, mas quando conheci seu canal, me senti muito melhor”, escreveu Giovana Gentile no vídeo em que Mariana conta com naturalidade como nasceu assim. Outros conteúdos populares são os que mostram o dia a dia, como aquele em que ela toca violão e faz penteados.

Também movida por esse tipo de interação, Louie Ponto, 25, criou em 2008 o canal que leva o seu nome. Inicialmente previsto para divulgar músicas autorais, mais recentemente o espaço no Youtube vem sendo dominado por vídeos que garantem a visibilidade lésbica a partir da própria experiência da mestrande em Literatura. Em relação ao público LGBT, ela aposta no acolhimento que não teve enquanto jovem que descobria a própria sexualidade.

– Achei interessante falar de alguns temas que já tiveram menos, mas ainda têm pouca representatividade na internet, como o lesbianismo, o feminismo e o vegetarianismo. Esse tipo de vídeo me deixa mais realizada porque vejo que estou fazendo um trabalho importante, que tem papel político e ainda ajuda algumas pessoas que hoje encontram abrigo – garante Louie, que tem mais de 110 mil inscritos no canal em que seus vídeos foram visualizados 2,5 milhões de vezes.



Vídeos de Louie Ponto, sobre sexualidade, já foram visualizados 2,5 milhões de vezes

Fazer login

ESPAÇO MAIS INCLUSIVO

Especialista em mídias digitais, Aline Melo acredita que as minorias tem ganhado voz nos últimos tempos devido ao que chama de "poder inclusivo da internet". Os discursos tendem amplificar-se e não ficam mais restritos aos públicos que contemplam.

— O marketing para minorias é um sinal da evolução da sociedade inclusiva. Algumas marcas saíram na frente, e até do lugar comum, assinando campanhas que abraçam causas sociais como feminista, LGBT, entre outras, com o objetivo de se destacar, de se apropriar de algum desses discursos e se aproximar do seu público por meio da identificação — exemplifica.

Andressa Mafra, que é diretora administrativa da Dia Estúdio, única agência credenciada ao Youtube em Santa Catarina que gerencia 35 canais de todo o Brasil, comprova o potencial desse tipo de mensagem entre os *vloggers* (quem mantêm um blog de vídeos).

— Na internet, tudo é muito mais pessoal. As pessoas que assistem podem entrar em contato com quem produz esse conteúdo, conseguem tirar dúvidas, compartilhar experiências e ter um relacionamento, porque as taxas de retenção são muito altas, principalmente se os autores repercutem temas atuais com agilidade.

BELEZA DAS MULHERES GORDAS E NEGRAS EM EVIDÊNCIA

Pela linguagem escrita em vez da falada e que a lagexana Ana Lopes comunica-se com o público desde 2014. Quando se acciton gorda e passou a vestir o que queria, a garota, que tem avó alfaiate e mãe costureira, criou o Blog da Lopes (www.blogdalopes.com) para mostrar às mulheres que estão acima do peso que elas podem usar a moda a seu favor.

— Sempre foi muito difícil encontrar roupas legais e *fashionistas* nesse segmento. Sentia a necessidade de trocar esse tipo de informação. E foi aí que comecei a



Ana Lopes mostra a mulheres acima do peso que elas podem usar a moda a seu favor

receber mensagens de minhas leitoras pedindo ajuda para aceitar o próprio corpo e então começaram as trocas — explica Ana. Ela afirma que tem muito o que lutar pela liberdade do corpo.

Para dar conta de assuntos relacionados às mulheres negras, realidade pouco abordada em outros sites, as blogueiras de Criciúma Dainara Idalino dos Passos, Daniele Idalino dos Passos e Miriele Machado mantêm o Vou de Preta (www.voudepreta.com.br). Os assuntos vão de beleza e moda a comportamento, sempre conectados ao universo feminino e negro.

— O que estamos vivendo hoje, de vermos todos os tipos de beleza na sociedade, mesmo que sejam em mídias alternativas, reforça o empoderamento feminino, trazendo mais autoestima e confiança. Quando nos vemos representadas, passamos a existir para a sociedade — explica Miriele.



Dainara, Daniele e Miriele falam do universo feminino e negro na página Vou de Preta

CANAIS PARA FICAR DE OLHO

Os cinco youtubers abaixo também têm-se destacado com vídeos publicados semanalmente sobre questões relativas às minorias no Brasil. Confira:



Putá Canal

Dani Bonfim aborda o universo gay sob a perspectiva de um homem jovem. Na descrição, ele diz que prostituições e ideais. (bit.ly/putacanal)



LubaTV

Lucas Rossi Heuerschulte, mais conhecido como Luba, é um catarinense de Igarapé. O youtuber tem 26 anos e produz conteúdo desde 2010 na plataforma. O conteúdo do canal LubaTV vai desde temas mais sérios até o puro humor. (www.youtube.com/user/LubaTV)



Canal das Bee

O Canal das Bee, formado por seis integrantes de São Paulo, é referencial quando se trata de discussão de gênero no Youtube Brasil. A equipe traz para debate importantes pontos sobre questões sociais, com vídeos descontraídos. (www.youtube.com/user/CanalDasBee)



Joana Castanheira

Finanopoliense de 20 anos. Além de ser cantora, participa de uma companhia de teatro e cursa Jornalismo. Ela produz vídeos semanais, variando entre covers e vlogs — nos quais fala sobre orgulho LGBT e vida vegana. (www.youtube.com/user/joanacastanheira)



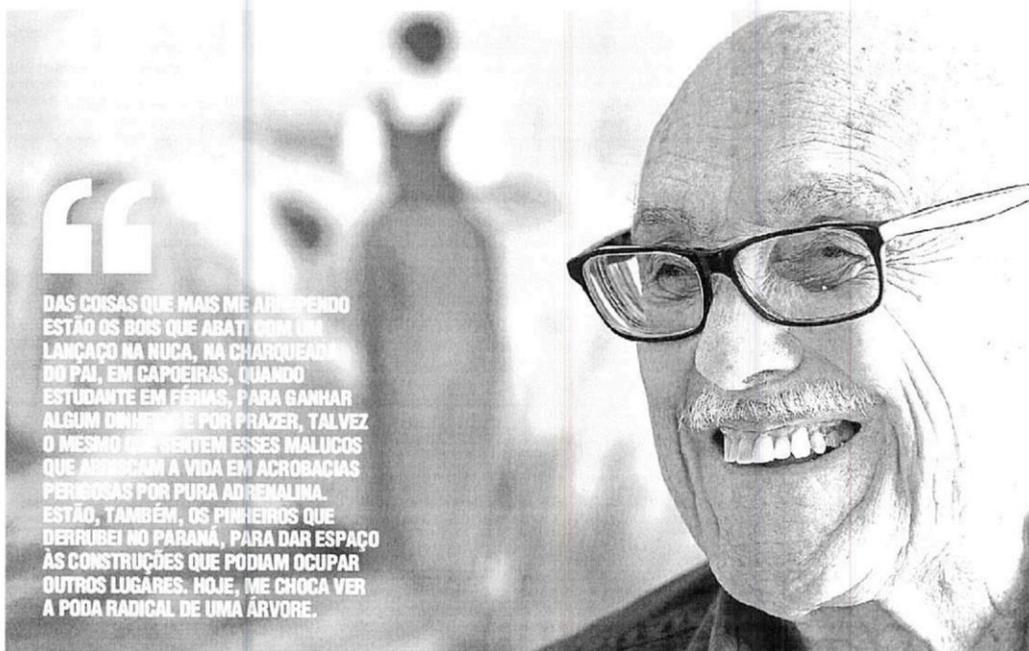
Afros e afins

Mulher negra e feminista Natálya Nery fala sobre bicos, costura e moda. O objetivo é incentivar a autonomia de quem assiste ao ensinar a ganhar as melhores opções de consumo de moda, discutindo questões importantes. (bit.ly/Afrosafins)

Diário Catarinense – Nós

Glauco Olinger / Centro de Ciências Agrárias / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Nelson Aldrich Rockefeller / Brasil / Museu de Arte de São Paulo / Agricultura / Milton Campos / Associação de Crédito Rural / Carne suína / Maçã / Antonio Pedro Tota / Frango / Sadia / Acar / Juscelino Kubitschek / Acaresc / Osvino Laske / Adolfo Nunes Corrêa / Cooperativismo / Victor Fontana / Vilson Kleinübing / Nelson Serpa / Agronegócio / Epagri / Amaral Saboia / Colombo Salles / Antonio Carlos Konder Reis / Aderbal Ramos da Silva / Ernesto Geisel / Joaquim Ramos / Golbery do Couto e Silva / Petrônio Portella / Florianópolis / São José / Lages / Alvin Bertholdo Braun

4 NÓS DIÁRIO CATARINENSE
SABADO E DOMINGO
14 E 15 DE JANEIRO DE 2017



“
DAS COISAS QUE MAIS ME ARREPENDO ESTÃO OS BOIS QUE ABATI COM UM LANÇAO NA NUCA, NA CHARQUEADA DO PAI, EM CAPOEIRAS, QUANDO ESTUDANTE EM FÉRIAS, PARA GANHAR ALGUM DINHEIRO E POR PRAZER, TALVEZ O MESMO QUE VENTEM ESSES MALUCOS QUE ADORNAM A VIDA EM ACRÓBACIAS PERIGOSAS POR PURA ADRENALINA. ESTÃO, TAMBÉM, OS PINHEIROS QUE DERRUBEI NO PARANÁ, PARA DAR ESPAÇO ÀS CONSTRUÇÕES QUE PODIAM OCUPAR OUTROS LUGARES. HOJE, ME CHOCA VER A PODA RADICAL DE UMA ÁRVORE.

Hoje o Estado é o maior produtor de maçã do país. É também o líder em produção de carne suína, o segundo maior de frango e um dos cinco maiores produtores de leite. As grandes cooperativas e algumas das mais importantes indústrias de alimentos – como a Sadia e a Perdigão – não surgiram aqui por acaso. Por trás de todos esses superlativos está Glauco, o engenheiro agrônomo que reinventou a agropecuária em Santa Catarina. Aos 94 anos, garante que nunca tirou férias. Com tanto tempo de vida e tão pouco de descanso, é dono de um currículo comprido. Foi secretário de Estado da Agricultura e da Educação, presidente da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater) – predecessora da Embrapa –, fundador do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pró-reitor da UFSC e fundador e presidente da Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado (Acaresc), que transformou-se, depois, na Epagri. Como consultor da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), participou de projetos de extensão rural em Angola e Cabo Verde. No Paraná, assentou 3,5 mil famílias em um programa de reforma agrária. E isso é só parte da lista.

Tornou-se inevitavelmente uma unanimidade. De ex-funcionários a ex-ministros, não há quem não despeje adjetivos bondosos sobre ele.

Foi certamente um dos homens que mais serviram a este país, e de uma competência absurda – elogium Delfim em uma conversa por telefone, em uma manhã de dezembro. Em seguida, ainda acrescentou em tom de brincadeira que o apetite foi fundamental para aprovar a linha de crédito para a maçã catarinense.

Sou um grande comilão – disse. Ainda assim, Glauco questionou a ideia de a reportagem fazer um perfil seu. Na segunda vez que recebeu esta reportagem no seu apartamento na avenida Beira-Mar, em Florianópolis, havia preparado uma sé-

rie de manuscritos com assuntos que considera mais importantes e urgentes do que falar de si mesmo. Entre eles, a exportação de gado vivo – “um absurdo, temos que exportar bife, com maior valor agregado” – e um comentário da ex-primeira-dama da Capital sobre vagas de estacionamento no Jardim Botânico – “não posso conceber que queiram tirar um quadrado de grama para colocar um automóvel”.

Miúdo, agitado, de camisa jeans, calça Levi’s, tênis e uma caneta no bolso para qualquer eventualidade, não parava de falar mesmo quando posava para fotos. Glauco é um jovem que quer mudar o mundo. Sua trajetória até aqui prova que é capaz disso.

A história da revolução agrícola catarinense começa com Nelson Aldrich Rockefeller. Em 1948, o bilionário norte-americano, herdeiro da Standard Oil, visitou mais uma vez o Brasil. Seu destino era Minas Gerais, onde seria recebido pelo governador Milton Campos.

O interesse de Rockefeller pelo Brasil tinha várias motivações. Por um lado, a educação batista o fazia ser, em certo nível, um filantropo, coisa que a família colocava em prática por meio de programas não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos. Por outro lado, o cargo que ocupou no governo Roosevelt, de chefe do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs, fez dele um agente da política da boa vizinhança. Nelson esteve por trás de diversos projetos importantes no país, como o Museu de Arte de São Paulo (Masp).

A maior influência, contudo, foi na agricultura. No livro *O Amigo Americano*, Antonio Pedro Tota afirma que Rockefeller chegou a Minas com a ideia de que talvez houvesse uma possibilidade de repetir na região o êxito da revolução agrícola norte-americana iniciada no século 19.

Do encontro entre Nelson Rockefeller e Milton Campos nasceu a Associação de Crédito Rural (Acar).

O ESTADO É O MAIOR PRODUTOR DE MAÇÃ DO PAÍS. É TAMBÉM O LÍDER EM PRODUÇÃO DE CARNE SUÍNA, O SEGUNDO MAIOR DE FRANGO E UM DOS CINCO MAIORES DE LEITE. AS GRANDES COOPERATIVAS E ALGUMAS DAS MAIS IMPORTANTES INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS – COMO A SADIA E A PERDIGÃO – NÃO SURTIRAM AQUI POR ACASO. POR TRÁS DE TODOS ESSES SUPERLATIVOS ESTÁ GLAUCO, O ENGENHEIRO AGRÔNOMO QUE REINVENTOU A AGROPECUÁRIA EM SANTA CATARINA

Inspirada em um programa do governo dos Estados Unidos, a Acaresc oferecia crédito barato a pequenos proprietários aliados a auxílio técnico. Também incluía um trabalho de ensino de noções de higiene e alimentação. Com o bom resultado da Acaresc, anos depois o presidente Juscelino Kubitschek, outro mineiro, replicou o modelo para mais Estados. A versão catarinense da ideia trazida por Rockefeller surgiu em 1956 com o nome Acaresc. À sua frente estava Glauco Olinger.

O trabalho de Olinger e, por consequência, da Acaresc, tirou a agropecuária do Estado do atraso. Até então, o aumento de produção só se dava pela expansão da área plantada, não da produtividade. Em parte, isso se devia a uma política paternalista do governo brasileiro: dava sementes, emprestava maquinário, mas não ensinava como aproveitar os insumos.

A Acaresc levava o conhecimento das pesquisas ao homem do campo, a chamada extensão rural. Para divulgar, lançavam mão de criatividade:

– Nossos veterinários faziam um programa de rádio falando sobre uma técnica específica e avisavam que estariam em tal município no sábado, por exemplo, para ensinar, na prática, como funcionava. Isso atraía a atenção das pessoas – relembra João Dela Ore, que foi diretor administrativo da entidade.

Com essa presença forte no Estado, pouco a pouco a instituição ganhou o respeito dos agricultores. Os extensionistas se tornavam referência por onde passavam. Uma amostra disso é o livro de memórias do agricultor Osvino Laska, no qual a associação mereceu um capítulo. O autor escreve: “Quando soube que o dia 1 de agosto de 1961 seria a data da inauguração do escritório da Acaresc em Piratuba, (Osvino) não teve dúvidas em comparecer, indo a pé até a cidade”.

Para que toda essa estrutura funcionasse – a instituição chegou a ter 11 mil servidores – entrava em campo a disciplina rígida de Glauco. Nem sempre ele é lembrado por ter tido um tom suave com os funcionários, mas essa dureza é apontada como necessária para que as coisas caminhassem dentro dos eixos. Adolfo Nunes Corrêa, ex-funcionário da Acaresc e ex-presidente da Epagri, conta que apesar de ser muito firme e afeito a disciplina rígida, o chefe sabia ouvir e tomava decisões em conjunto.

Glauco esteve à frente de 19 dos 35 anos de existência da Acaresc. Foi o responsável por plantar as sementes do que viriam a ser os grandes triunfos da agricultura e da pecuária estaduais. O celebrado cooperativismo do Estado, apontado recentemente pela revista *The Economist* como um dos pilares da força econômica de SC, não passava de um punhado de iniciativas pontuais antes da Acaresc. Foi por meio da disseminação da cultura de cooperativas, aliada à importação de técnicas, que a instituição fez surgir a agroindústria catarinense.

– A Acaresc conversava diretamente com o empresário e com o produtor, numa troca saudável de experiências e tecnologias. Um trabalho em conjunto que muito fortaleceu o agronegócio no Estado – conta Victor Fontana, sobrinho do fundador da Sadia e ex-secretário de Agricultura.

Seguindo Glauco, o primeiro projeto de carne de frango embalada no Estado foi desenvolvido pela instituição estadual e depois comprado pela Sadia.

Embora colecionasse conquistas, a Acaresc acabou em 1991, em uma reestruturação do governo. Alguns apontam o corte de custos como a razão, outros, a falta de visão do governo estadual à época. Glauco é mais incisivo: a Acaresc acabou por vingança pessoal de Wilson Kleinübing. Quando ainda era senador, Kleinübing teria pedido que funcionários da Acaresc ajudassem a fazer propaganda política sua, mas esbarrou na forte cultura apolítica criada pelo próprio Glauco. Havia um código de ética muito claro: lá não se falava em partido político nem em religião, deveria ser um órgão eminentemente técnico. Por ressentimento, acusa o agrônomo

O TRABALHO DE OLINGER E, POR CONSEQUÊNCIA, DA ACARESC, TIROU A AGROPECUÁRIA CATARINENSE DO ATRASO. ATÉ ENTÃO, O AUMENTO DE PRODUÇÃO SÓ SE DAVA PELA EXPANSÃO DA ÁREA PLANTADA, NÃO DA PRODUTIVIDADE. EM PARTE, ISSO SE DEVEU A UMA POLÍTICA PATERNALISTA DO GOVERNO BRASILEIRO: DAVA SEMENTES, EMPRESTAVA MAQUINÁRIO, MAS NÃO ENSINAVA COMO APROVEITAR OS INSUMOS

mo. Kleinübing acabou com o órgão no seu primeiro ano de mandato como governador. O procurador-geral à época, Nelson Serpa, alega que foi uma reestruturação necessária para reduzir os gastos.

– Nesse período a folha de pagamentos estava atrasada, havia 13 para pagar ainda em março, inflação elevadíssima e baixa receita. Então foram feitas várias alterações estruturais no Estado, foi um processo de saneamento de finanças. Foi uma decisão acertada a meu ver. Hoje, a Epagri – órgão que substituiu a Acaresc – presta um serviço de excelência – explica Serpa.

– E faz questão de emendar:

– A Epagri e o Estado devem muito ao Glauco.

Apesar da ojeriza à política partidária, Glauco foi parar no meio de uma disputa que quase o levou a ser governador do Estado. Não que ele tenha feito esforço para isso. Era 1975 quando, aos 53 anos, foi chamado pelo comandante do 5º Distrito Naval de SC, Amaral Saboia, para um almoço. Sem jamais ter tido contato com o comandante, estranhou o convite, mas compareceu. Lá, em meio a garfadas, ouviu que era o candidato das Forças Armadas para suceder Colombo Salles no governo do Estado.

– Respondi que havia uma pessoa muito mais competente que eu para governar e que inclusive era meu parente, primo do meu pai. Ele se chamava Antonio Carlos Konder Reis – conta Olinger.

Não teve jeito. Os militares argumentaram que não queriam um político no governo, mas um técnico. Glauco saiu dali e foi encontrar com Konder Reis em um quarto modesto no hotel Royal, no centro de Florianópolis, onde se hospedava. Disse ao amigo que rezaria três ave-marias para que não se tornasse governador.

– Konder Reis me respondeu: eu rezo um rosário para que seja você, mas quero te adiantar que serei eu o governador.

Glauco, que sempre transitou com tranquilidade por todos os partidos e esferas, foi ter então com Aderbal Ramos da Silva, do PSD, partido contrário ao de Konder Reis. Soube ali que o próprio PSD havia se aliado à UDN para derrubar Colombo Salles. O candidato do PSD era também Konder Reis.

Em paralelo, Colombo era informado da escolha das Forças Armadas, opção que endorseou. Mas passou a receber uma romaria de candidatos ao governo.

– Ele falava para todos: “vou colocar seu nome na lista que eu levei ao Geisel”. E garantiu que meu nome ia encabeçar – lembra Olinger.

Glauco acompanhou Colombo até Brasília para a audiência com o presidente Ernesto Geisel na qual foi levada a lista, então com cinco nomes selecionados. No entanto, na hora de responder a pergunta do presidente sobre qual candidato era de sua pre-



Em um encontro no campo, três líderes que governaram SC: Colombo Salles (E), Celso Ramos e Ivo Silveira ao lado de Glauco (D)



O presidente Ernesto Geisel (D) cumprimenta Glauco ao conceder o Prêmio Nacional da Assistência Técnica e Extensão Rural.



Nery Clito Vieira, chefe da Casa Militar (C) e primo-irmão de Glauco (D), no momento em que Heriberto Hulst libera recursos para a Acaresc.



Em Angola, orienta a implantação do serviço de extensão rural no país ao lado do agrônomo alemão Hermann Poesinger (D)



Como professor emérito da UFSC



No lombo de uma mula, transporte típico dos tropeiros

ferência, Colombo abriu mão de optar por Glauco, simplesmente se absteve de fazer indicação. Com isso, reduziu as chances do seu secretário da Agricultura. Segundo Glauco, o deputado federal Joaquim Ramos, do PSD, também diminuiu suas chances ao soprar para o general Golbery do Couto e Silva, com enorme influência sobre a presidência, que o candidato deveria ser Konder Reis. No dia da eleição, o emissário de Geisel, Petrônio Portella, cravou: o candidato do governo federal seria mesmo Konder Reis. Glauco teve alguns votos, mas, como se sabe, perdeu a disputa.

— Confesso que senti um grande alívio.

A trajetória de Glauco foi longa até chegar aos altos cargos do Executivo. Nascido em Lages em 1922, cresceu em uma fazenda. O pai, também de Lages, tinha poucos anos de escolaridade, mas era bom negociador, o que lhe propiciava uma vida abastada. A mãe, natural de São José, havia completado o ensino médio — um grande feito para a época —, lia Emile Zola e gostava de teatro. Foi a principal incentivadora da sua educação, diz. Apesar de pais com boa situação financeira, o primeiro ano de vida de Glauco foi em um rancho rústico no sítio.

— Acredito que meu pai queria testar minha mãe, ver se ela aguentava essa vida de fazenda.

Hoje ecologista, cresceu matando passarinhos e derrubando pinheiros de araucária, dois itens da sua lista de arrependimentos. Ainda menino, foi tropeiro junto com o pai. Ia a cavalo de Lages até o litoral, viagem que hoje leva horas de carro e à época durava dias.

O destino quis que olhasse com carinho para a terra, mesmo quando deixou o campo. A família se mudou para Florianópolis e ele passou a estudar no tradicional colégio católico Catarinense. Um dos professores, o padre naturalista Alvinio Bertholdo Braun, despertou sua curiosidade pelas plantas.

Mais tarde, um colega que tinha interesse em cursar Agronomia na Escola Superior de Viçosa (MG), o incentivou a também tentar o exame admissional. Glauco, que havia repetido o ano no colégio, conseguiu ser aprovado. O amigo, um dos melhores alunos do Catarinense, não passou.

O pai chegou a querer que o filho abandonasse os estudos para se dedicar aos negócios. A mãe o incentivou a prosseguir, mas houve uma outra motivação importante: tinha uma namorada em Minas, Maria. E com ela que é casado há 74 anos e teve duas filhas. Uma morreu de sarampo aos quatro anos. A primogênita, Gláucia, é advogada e artista plástica e deu a ele duas netas.

— O que posso falar do meu pai? Foi um excelente pai e um excelente avô. É hiperativo, gosta de gente jovem, gosta de esportes e sempre foi muito honesto — resume Gláucia.

A honestidade de Glauco foi posta à prova várias vezes, uma delas logo no começo da carreira. No início da década de 1950, foi indicado por Konder Reis — então chefe de gabinete do ministro da Agricultura — para administrar a Colônia Agrícola Nacional General Osório (Campo), no sudoeste do Paraná. Como as terras para assentamento eram atraentes para uma companhia da região, a empresa ofereceu ao agrônomo um cargo fantasma com um salário alto. Era uma tentativa de convencê-lo a fazer vista grossa para os avanços da empresa sobre as terras federais.

— Era bem mais do que eu ganhava como administrador, e eu já ganhava bem. Disseram que eu podia manter o cargo de administrador. Não quis — lembra o agrônomo.

Em 1938, Getúlio Vargas criou uma política de colonização e avanço das fronteiras agrícolas do país, a Marcha para Oeste. A colônia paranaense, criada em 1943, foi resultado disso. Sob a administração de Olinger, foram assentados 35 mil colonos, a maioria do Rio Grande do Sul.

Hoje a preocupação dele já não é levar pessoas ao campo, mas mantê-las. Diz que para apalcar o êxodo rural é preciso incentivar a permanência, seja por meio da isenção de impostos ou de outra forma. Também é necessário fazer a agricultura ficar atrativa para os jovens, com acesso aos mesmos serviços que são encontrados nas cidades, como boas escolas e hospitais.

A maior fonte de desassossego, contudo, é a segurança alimentar mundial. Na lista de apontamentos que fez, explica que em 2050 seremos 9,3 bilhões de habitantes, o que demanda um aumento entre 60% e 70% da produção de comida, números da FAO. A previsão é que o Brasil atenda de 30% a 40% do consumo futuro. Para isso, será necessário revitalizar 70 milhões de hectares, hoje degradados, e explorar o potencial existente sem prejuízo das florestas.

Ao final das anotações, escreve uma frase atribuída a um líder indígena norte-americano: "Parece que tão somente depois que foi poluído o último mar, o último lago, a última lagoa, envenenado o último rio e capturado o último peixe, exaurida a última mina de carvão, esgotado o último poço de petróleo, degradado o último traço de terra e poluído o ar com o lixo do superfluo é que então o predador humano se dará conta de que dinheiro não se come". Aos quase cem anos de vida, Glauco Olinger ainda tem muito a dizer.

Notícias do Dia – Carlos Damião

“Ocupação urbana nos morros começou no século 18”

Ocupação urbana nos morros começou no século 18 / Projeto Maciço do Morro da Cruz / Florianópolis / Plano Diretor Participativo / Ministério Público Federal / Justiça Federal / Catedral Metropolitana / Rua Conselheiro Mafra / Rua Felipe Schmidt / Rua Tenente Silveira / André Luiz Santos / UFSC / Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis / Morro do Céu / Palhoça / São José / Biguaçu / Sérgio Grandó / Luiz Inácio Lula da Silva / Dilma Rousseff / PASC / Programa de Aceleração do Crescimento / Gean Loureiro / Michel Temer / Morro do Mocotó / Morro da mariquinha / Monteserrat / Morro da Caixa / Morro do Tico-Tico / Morro do Céu / Protegidos da Princesa / Copa Lord / Unidos do Morro do Céu / Morro da Serrinha / Morro da penitenciária / Morro do Horácio / Morro do Alto da Caiera / Consulado / Ilha de Santa Catarina



Carlos Damião

25. NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 14 E 15 DE JANEIRO DE 2017

carlosdamião@gmail.com
twitter: @damião_ND



Acompanhe
a coluna no
NDonline

Ocupação urbana nos morros começou no século 18

**Maciço do Morro da Cruz,
na área central da cidade,
concentra 16 comunidades**

Florianópolis não é uma cidade simples de se entender. A cidade que cresceu de qualquer jeito é um centro urbano caótico, que precisa de leis mais rígidas para disciplinar as ocupações. O Plano Diretor Participativo continua em elaboração, quase 11 anos depois de iniciado, e sempre ameaçado por remendos de ocasião, que não prosperam graças à ação vigilante do Ministério Público Federal e da Justiça Federal.

Originalmente, a área central era um vilarejo implantado em torno da Igreja Matriz, a atual Catedral Metropolitana. Desenvolveu-se primeiro em direção a Oeste (as atuais ruas Conselheiro Mafra, Felipe Schmidt e Tenente Silveira), em especial por razões econômicas relevantes: a presença do porto na região da Rita Maria e a proximidade com a região continental, acessível até 1926 apenas por embarcações. A parte Leste ganhou força no século 19 e, em especial, no século seguinte, com o surgimento de vias urbanas importantes, como as avenidas Jo Saneamento (atual Hercílio Luz) e a Mauro Ramos.

Os morros do lado Leste concentraram desde o século 18 as chamadas comunidades periféricas, a pobreza na cidade – famílias que não tinham acesso a recursos iniciais e se deslocaram de qualquer modo em diversas áreas do Maciço do Morro da Cruz. Durante o escravidão e após a abolição esses vertentes do maciço obrigaram muito mais a população negra do que a branca, como registra o geógrafo André Luiz Santos em sua tese de doutorado na UFSC “Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis”.



ista parcial da cidade (provavelmente década de 1940): ao fundo, o lado do Imperial Hospital da Caridade, o Morro do Mocotó, na das comunidades mais antigas

Panorâmica da área central da ilha, final dos anos 1960. Todos os morros tinham amplos sinais de urbanização, do Morro do Céu (à esq.) ao Morro da Mariquinha (à dir.)



Perto do Centro

Ao longo do tempo, a opção da população pobre pelos morros se deu por razões práticas. Não havia estradas nem transporte coletivo para locais mais distantes, como Palhoça, São José ou Biguaçu, cidades que se tornaram opções de moradia só nos últimos 20 anos.

Claro que não é uma vida muito tranquila. O ex-prefeito Sérgio Grandó, por exemplo, que morreu na semana passada, foi o pioneiro na implantação de linhas de ônibus para essas comunidades. Nos últimos anos foram desenvolvidas ações por meio do governo federal (nas gestões dos presidentes Lula e Dilma Rousseff) para dotar esses locais de infraestrutura urbana e social com verbas do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) estimados há seis meses em R\$ 117 milhões. A continuidade das obras, paradas desde junho de 2016, depende de recursos e caberá ao novo prefeito, Gean Loureiro (PMDB), dar conta dessa responsabilidade, já que o atual presidente, Michel Temer, congelou os investimentos do PAC.

São 22,5 mil pessoas

Em levantamento da prefeitura, realizado para o Projeto Maciço do Morro da Cruz, foram identificados 16 comunidades ocupando 657 mil metros quadrados dos 2,1 milhões de área total, com uma população de quase 23 mil habitantes.

Há comunidades mais tradicionais e antigas, como as dos morros do Mocotó, da Mariquinha, Monte Serrat (ou Morro da Caixa), Tico-Tico e do Céu. São bairros com características sociais e culturais semelhantes, três deles concentram a tradição do Carnaval com suas escolas de samba Protegidos da Princesa (Mocotó), Copa Lord (Monte Serrat) e Unidos do Morro do Céu (grupo de acesso). No outro lado há os morros da Serrinha, da Penitenciária, do Horácio e do Alto da Caiera – na base deste fica a sede da escola de samba Consulado.

Paisagem no cotidiano

Dos morros, tanto na parte central do maciço quanto nas áreas voltadas para Leste e Sul, é possível apreciar a paisagem da ilha de Santa Catarina. Quem mora nesses locais não tem dificuldade para contemplar o nascer e o pôr do sol, muito menos os cenários de outono ou as visões noturnas de uma cidade pontuada pelos luzes das ruas e dos prédios. A poesia faz parte do cotidiano, embora o vida, nos casos simples, nem sempre seja fácil, segura ou confortável aos seus moradores.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

14/01

[Site cataloga poesia traduzida no Brasil ao longo de 50 anos](#)
[MEC corrige lista e divulga escolas em que haverá Enem neste fim de semana](#)